

## Telicidade e Aquisição de Tempo

Denise Mazocco  
UFPR

Este trabalho apresenta uma discussão sobre telicidade e aquisição de tempo no português brasileiro (PB). O ponto de partida são pesquisas que defendem que a telicidade condiciona a aquisição do tempo, conforme o padrão: verbos télicos são flexionados no passado; e verbos atélicos, no presente.

Antinucci e Miller (1976, *apud* Delidaki, 2006) observaram esse padrão em dados de produção espontânea de crianças com idade entre 1;6 e 2;5 e defenderam que crianças nessa faixa etária ainda não possuem capacidade cognitiva para compreender tempo. Entretanto, podemos considerar que generalizações com base apenas em dados longitudinais não são totalmente confiáveis. No PB, por exemplo, nos dados longitudinais (parte do banco de dados do projeto “Construção de banco de dados em aquisição do PB para estudos da semântica de tempo e aspecto, UFPR” (2007-2011)) encontramos ocorrências de um verbo que pode ser considerado achievement, télico, no presente: *AL. (2.1 – 2.3) Ó...ó... não cutchigo...* E, além disso, há o aparecimento de verbos em perífrases de futuro, tanto télicos *AL. eu vô deitá... bebê... Eu vô quebra*, quanto atélicos *AL. Eu vô bincá*. Dados como esses geram um problema para a ideia do condicionamento, já que o futuro não está contemplado pelo padrão estabelecido.

A hipótese em questão foi defendida também por Bronckart e Sinclair (1973), os quais, ao realizarem experimento de produção com crianças francesas, observaram que elas utilizam passado composto com ações com resultado, presente ou passado composto com ações sem um objetivo intrínseco e presente para ações com nenhum resultado. Com crianças gregas, Delidaki (2006) também realizou um experimento de produção em que a escolha do tempo verbal pelas crianças também segue o padrão conforme a telicidade. Entretanto, a autora constata uma assimetria entre os resultados desse teste de produção e de um teste de compreensão, cujo resultado aponta que as crianças compreendem tempo antes de adquirir a morfologia de modo independente do aspecto lexical. Essa discrepância entre produção e compreensão nos permite questionar o que de fato condiciona aquisição de tempo.

Wagner (2001, 2006), por sua vez, afirma que apenas para crianças em torno dos dois anos a telicidade é desencadeadora da noção de tempo. Entretanto, o que se sobressai, segundo a autora, é o aspecto gramatical. Para ela, a criança, entre dois e três anos, usa a noção de completude e não a informação temporal dêitica.

Dada as diferenças entre resultados que os autores apresentam, propomos uma investigação baseada não apenas no conceito de telicidade, mas na estrutura de eventos. Apresentamos, nesse trabalho, um teste inicial que segue a hipótese de que a criança faz leitura de evento, antes do tempo. Na ocasião, crianças de 3 a 6 anos assistiram a vídeos correspondentes a quatro eventos – *correr*, *chutar bola*, *comer bolacha* e *ter* – e responderam a questões que variavam conforme o tempo verbal, por exemplo: *O menino*

*correu?*, *O menino vai chutar a bola?*, *O menino está comendo a bolacha?*. Na pré-testagem realizada observamos que até os 4 anos todas as respostas foram afirmativas, o que sinaliza que as crianças até essa idade não fazem leitura do tempo verbal.

Entretanto, há duas questões sobre esse teste que precisam ser problematizadas. A primeira é que respostas "sim" e "não" das crianças pode ser um problema, principalmente ao se testar a compreensão o futuro, já que podem se tratar também de uma expectativa. Além disso, teste de compreensão somente não dá conta da explicação sobre o que de fato condiciona a aquisição de tempo. Delidaki (2006) sugere que os eventos em sequência facilitam a aquisição desta categoria. Entretanto, testes nesse sentido necessitam ser realizados. Por ora destacamos a hipótese de que a criança faz leitura de evento, e não somente da telicidade.

## REFERÊNCIAS

BRONCKART, J-P, SINCLAIR, H. Time, tense and aspect. *Cognition*, 1973.

DELIDAKI, S. *The acquisition of tense and aspect in child greek*. Tese (Doctor of Philosophy). University of Reading, 2006.

WAGNER, L. Aspectual influences on early tense comprehension. *J. Child Lang.* 28 2001, p. 661-681.

\_\_\_\_\_. Aspectual Bootstrapping in Language Acquisition: Telicity and Transitivity. *Language Learning and Development*, 2(1), 2006, p. 51-76.